

A eleição de Tancredo

15 JAN 1995

LUIZ ADOLFO PINHEIRO JORNAL DE BRASÍLIA

Há dez anos, na data de hoje, Tancredo Neves era eleito presidente da República pela via indireta do Colégio formado por senadores, deputados federais e representantes das Assembléias Legislativas. Ele era o candidato da chamada Aliança Democrática, formada pelo PMDB e pela dissidência do PDS que tomou o nome de Frente Liberal, atual PFL. O candidato Tancredo Neves, que era o governador de Minas Gerais, até meses antes, obteve 460 votos contra 160 dados a seu adversário, o deputado Paulo Maluf, do PDS.

Foi uma eleição sem surpresa e com resultado já esperado. O PMDB, sozinho, não teria como dar a vitória a seu candidato, sem a dissidência do PDS, que foi aberta pelo então vice-presidente da República, Aureliano Chaves, antes que o partido realizasse a sua convenção nacional, na qual Maluf saiu vitorioso sobre o outro pretendente à candidatura, o ministro dos Transportes, já falecido, Mário Andreazza.

Ao abrir a dissidência, Aureliano procurou o governador Tancredo Neves no Palácio da Liberdade para oferecer-lhe

o apoio que viabilizaria seu nome como futuro presidente da República. Tancredo, político experiente, não duvidou de Aureliano, por quem tinha respeito e admiração, mas hesitou em deixar o governo de Minas. Ainda foi preciso algum tempo para que Tancredo se convencesse plenamente de que não embarcaria numa aventura. Para isso ele contou com a falta de entusiasmo do presidente Figueiredo e de seu governo pela candidatura Maluf e, ainda, com o trabalho discreto mas eficiente do chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, francamente pró-Tancredo.

Como parte do apoio da dissidência do PDS ao nome de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, Aureliano articulou o nome de ninguém menos que do senador José Sarney para a vice-presidência da República. Sarney havia deixado a presidência do PDS e ingressado no PMDB, onde não recebeu a hostilidade que se imaginava viesse a ser vítima.

A partir dessa aliança do PMDB com a dissidência da Frente Liberal, somada ao desinteresse do governo pela sorte de

seu candidato, ganhou corpo a candidatura Tancredo Neves, firmemente apoiada por toda a imprensa, rádio e televisão. O maciço apoio da mídia nacional levantou a opinião pública a favor de Tancredo-Sarney e transformou Maluf numa espécie de encarnação do mal, de quem deveriam fugir todos — a começar, é claro, dos membros do Colégio Eleitoral. Um a um os governadores do PDS foram “tancredando” e a própria Justiça Eleitoral selou a sorte da eleição, ao decidir que o voto aberto no Colégio Eleitoral estava livre da obrigação da fidelidade partidária.

O resto já é história: Tancredo Neves ganhou a eleição de 15 de janeiro de 1985, mas adoeceu gravemente a 14 de março, véspera da posse, sendo hospitalizado e submetido a diversas operações em Brasília e no Incor, em São Paulo, onde faleceu a 21 de abril, com 75 anos de idade. O seu vice-presidente, José Sarney, assumiu interinamente a 15 de março e tornou-se presidente efetivo com a morte do titular.

■ **Luiz Adolfo Pinheiro** é editor interino da coluna Decálogo